

Monteiro, George. *As Paixões de Pessoa*. Lisboa: Ática/Babel, 2013. Print.

As Paixões de Pessoa, livro de ensaios sobre Fernando Pessoa de George Monteiro, foca principalmente, como é hábito do autor, as relações de Pessoa com escritores que leu ou com quem conviveu. Tratando das suas relações com contemporâneos, como Sá-Carneiro, os críticos da *presença* ou Unamuno, e com poetas de língua inglesa como Shakespeare, Poe ou os menos conhecidos Arthur Hugh Clough e Ernest Dowson, Monteiro apresenta análises detalhadas e bem informadas destas relações. Nelas descobre algumas das *paixões* de Pessoa, ainda que o próprio autor descreva como fio condutor de cinco dos capítulos do livro, num total de nove, “os eternos temas do sexo e da fama na obra e na vida do grande escritor modernista português” (15). Será na relação que consegue estabelecer entre obra e vida—nomeadamente entre pensamento estético e preocupações de cariz amoroso ou intenções de publicação da obra—que reside o principal mérito deste conjunto de estudos.

Como nos indica o autor no prefácio, trata-se de uma série de estudos publicados anteriormente de forma avulsa, o que não garante uma proximidade. O livro contém capítulos de índole muito distinta, começando por uma descrição das publicações em vida de Pessoa, que mostra a sua face de “escritor de carreira” (14), passando por cinco artigos transformados em capítulos sobre as relações com escritores de língua inglesa, em que o autor encontra a unidade temática acima citada, prosseguindo com dois estudos sobre relações com alguns contemporâneos mais desconhecidos, como Gil Vaz, com os críticos da *presença* e com Unamuno, e terminando com considerações sobre traduções da poesia de Pessoa.

As características de cada capítulo são variadas, indo de abordagens estritamente históricas e descritivas de relações em que vida e obra se confundem à análise literária de proximidades e influências. É difícil encontrar nesta variação a unidade de um livro, mas talvez essa unidade não fosse pretendida. Os ensaios originalmente publicados em inglês são aqui apresentados numa cuidadosa tradução de Margarida Vale de Gato e o cuidado na revisão e nova apresentação destes estudos por parte do autor terá determinado também a inclusão de referências a alguns originais do espólio de Pessoa, que complementam as referências a edições. Neste particular, é de notar apenas pequenas

incongruências em termos de ortografia, já que a opção por citações na ortografia da época é mantida também nos títulos de obras, mas não de um modo uniforme, de que é exemplo, entre outros, a referência em ortografia actualizada a *Livro do Desassossego*.

O cariz descritivo de alguns dos artigos é em geral bem apoiado em leituras e em referências bibliográficas e históricas, tanto respeitante à época do poeta como à edição e crítica pessoana. Exemplo disto mesmo é, entre outros, a referência a um artigo de Maria Aliete Galhoz, anterior a outro de Teresa Rita Lopes que reivindicava para si a descoberta, sobre o equívoco que perdurou longos anos a respeito da figura de Coelho Pacheco, considerado uma personagem heteronímica pessoana quando se tratou afinal de um sujeito de carne e osso que escreveu poemas. Note-se, no entanto, a ausência de bibliografia importante da crítica pessoana mais recente, restringindo-se as referências a respeito de recentes desenvolvimentos dos Estudos Pessoaanos por vezes apenas a novidades editoriais.

Para além de descrições e análise de proximidades literárias, a relevância dos estudos é desigual no que diz respeito ao seu pendor argumentativo. Alguns dos estudos são genéricos e preliminares, correspondendo, como reconhece o próprio autor no seu capítulo sobre Shakespeare, a um “mapeamento do território apenas meramente vislumbrado” e constituindo apenas uma “introdução à história rica e intrincada” da complexa relação de Pessoa com Shakespeare (81). Este capítulo mostra várias modalidades da influência de Shakespeare em Pessoa, carecendo de um aprofundamento de cada uma dessas modalidades. Evidenciando um pendor argumentativo muito mais marcado, o estudo que se segue sobre *Antinous*, “O desgosto do imperador,” faz um levantamento relevante de questões em que se conjugam pensamento estético, sexualidade, desejo de afirmação (ou, como diria o autor, fama) e intenção de publicar, avançando vários argumentos a este respeito. Entre estes tem particular interesse a ideia de que a determinação de Pessoa de “apresentar os seus poemas ingleses ao público britânico constituísse um gesto paradoxal de desafio às atitudes imperialistas britânicas para com Portugal” (118).

Focando outros aspectos do pensamento nacionalista de Pessoa, uma comparação de elementos da figura de um “Portugal-Europa” pessoano, um

cosmopolitismo imperialista pensado a partir da posição de Portugal na Europa, com o Portugal ibérico de Unamuno é suportada por uma argumentação esclarecedora e que retira qualquer pertinência ao intuito de aproximar Pessoa do Iberismo de Unamuno (290-91). Igualmente perspicaz e convincente é a narração da história do “segundo prémio” atribuído a *Mensagem*, entendido como prémio secundário ou de importância menor, que demonstra conclusivamente como esta ideia comum é uma falácia decorrente da recepção do mesmo por parte dos críticos da *presença* (251-70). O livro termina com um estudo comparativo de diversas traduções de poemas e que apresenta propostas de tradução próprias, como a de traduzir o “fingidor” do poema “Autopsicografia” por *forger*, uma proposta que embora conduza a uma discussão relevante em torno de possibilidades, sempre insuficientes, para transportar para outra língua certas conotações, não é inteiramente convincente pelo sentido de *forger* como falsificador ou impostor, desviante em relação ao fabulador ou inventor a que o poema primeiramente alude.

Procurando ser sumário, diria que nos deparamos com um volume de ensaios díspares e de interesse desigual, mas cuja possível unidade reside numa leitura cuidada e informada, que sabe tratar da difícil relação entre obra e vida fugindo à tentação da conclusão e contribui, o que não é pouco, para esclarecer de um modo convincente algumas questões fundamentais em torno de Fernando Pessoa.

Pedro Sepúlveda

Universidade Nova de Lisboa